

# Alexandre Herculano

JOÃO GASPAR SIMÕES

CMP J. 2. 2. 64

Em verdade não é Almeida Garrett mas Alexandre Herculano o verdadeiro fundador do romance histórico português. Embora o poeta da "Dona Branca", com a sua vivacidade natural, se lhe haja antecipado, uma vez que remonta a 1833 o primeiro esboço de "O Arco de Sant'Ana", o certo é que esta obra não só vem a aparecer em volume posteriormente aos primeiros ensaios novelísticos do autor da "Historia de Portugal" como, para todos os efeitos, é mais um panfleto político ou um pseudo-romance histórico que um romance histórico propriamente dito.

Quando Almeida Garrett publica a segunda edição desse mesmo "Arco de Sant'Ana", a Herculano recorre, para imprimir a obra "verdade histórica". Confessadamente é graças a este que o autor das "Viagens na Minha Terra" fundamenta o aspecto erudito da sua ficção de ambiente medieval. Quer dizer: o proprio Almeida Garrett não recusava autoridade ao camarada nem se atrevia a discutir a sua preeminencia na materia.

"Panorama", efetivamente, em 1839 ou seja seis anos depois do esboço do "Arco de Sant'Ana", estando este ainda entre os papéis do seu autor, é que pela primeira vez se dá a conhecer aos nossos leitores um genero que pouco antes, em 1837, a primeira tradução portuguesa de Walter Scott revelava a olhos nacionais. E se através dessas "narrativas" — "Lendas e Narrativas" eis o nome que lhes dará, mais tarde, o proprio Herculano — não era facil entrever-se ainda a vastidão do genero, breves e sumarias como eram, o certo é que não podia ser mais habil a abordagem dessa nova forma de literatura.

De fato, Herculano afeiçoa a sua pena para a ficção em prosa de tipo histórico da maneira mais inteligente. Em vez de se habilitar desde logo a longas ficções, começa por breves narrativas, intuição tanto mais sagaz quanto é certo ter deixado na gaveta o romance que em 1838 lhe teria servido, talvez, de iniciação no genero. E ei-lo a abordar um episodio lendario — a destituição do bispo de Coimbra por D. Afonso Henriques, o qual ousadamente afronta com este ato a excomunhão papal. Com efeito, o "Bispo Negro", a primeira pagina de ficção histórica publicada em Portugal, inspira-se numa lenda "tirada das crônicas de Acenheiro, rol de mentiras e disparates", que assim se lê na "Nota" aposta á narrativa reproduzida em volume.

Em verdade, para a preparação de uma pena disposta a abrir caminho na ficção histórica, a lenda, pela sua mais suggestiva materia e a sua menos rigorosa verdade, oferecia evidentes vantagens. E Herculano não teve apenas o bom senso de se estrear com esse episodio, fez mais: a segunda pagina de ficção que dá á estampa é "A Dama Pé-de-Cabra", ou seja, a adaptação, entre poetica e narrativa, de uma das mais antigas paginas que se conhecem na nossa ficção oral. De fato, a "Lenda da Dama Pé-de-Cabra" figura no "Nobiliario

do Conde D. Pedro" e remonta ao seculo XIII. Identificado com os seus modelos lendarios, Herculano utiliza, inclusivamente, nas suas primeiras narrativas um tom que tem muito a ver com o estilo proprio dos "contos" orais portugueses. "Aí succedeu o que ora ouvireis contar", eis como principia a historia de "O Bispo Negro".

Mais poeta do que artista, se Alexandre Herculano pôde dar largas, enquanto poeta, a um sentimento de dependencia relativamente a um Deus desconhecido, enquanto romancista usa outro escopo. O sentimento patriótico, eis o estímulo fundamental da sua vocação de romancista. Os temas por ele escolhidos, desde os seus primeiros ensaios de novelística histórica — o citado "Bispo Negro", "A Abobada" e "Arras por foro de Espanha" — relacionavam-se, direta ou indiretamente, com esse sentimento. Pouco importa que em dois dos seus grandes romances — o "Eurico" e "O Monge de Cister" — de algum modo se desvie para o estudo do celibato eclesiastico. No fundo ainda é o sentimento patriótico que domina a paixão do presbitero de Carteia e a luta do Mestre de Avis com a nobreza recalcitrante. O culto das tradições patrias era uma das novidades do romantismo. Já o proprio Almeida Garrett se propusera restaurar o que ele supunha a forma mais antiga de nossa poesia lirica: esse "romanceiro" que tantas relações mantém com a epopeia, fase rudimentar da moderna literatura novelística.

A escolha do tema de "A Dama Pé-de-Cabra" para uma das suas primeiras narrativas torna-se significativa. A propria divisão em "trovas" — "trova primeira", "trova segunda", etc. — reforça a origem poetica dessa peça literaria. Embora Herculano não alimentasse as mesmas ilusões acerca da genuinidade do nosso "romanceiro" — mais tarde criticará o erro de Garrett —, reconhecia que através dos romances orais ou das narrativas lendarias é que o escritor português poderia resgatar o pendor subjetivo da literatura nacional. De fato, o "romanceiro" era uma forma narrativa radicada na tradição oral.

Bem certo que "A Dama Pé-de-Cabra" e o "Bispo Negro" cedem o lugar a temas mais documentalmente históricos. Foi através das lendas, porém, das lendas e das narrativas da tradição oral — que o autor de "O Bobo" abriu caminho para a ficção de tema histórico, típica criação do romantismo. Contando, em breves narrativas, o que lhes diziam os "Nobiliarios" e as crônicas mais ou menos fantasiosas — "Mestre Gil", a sua primeira tentativa de romance histórico, não passou de esboço — adestrou a pena para as grandes ficções do genero. Não devemos esquecer, porém, a influencia decisiva que viria a ter na evolução do romance português a leitura de Walter Scott. E Herculano, mais diretamente que o proprio Garrett, com o mestre de "Ivanhoe" aprende o muito que sabe na arte de escrever romances históricos.